

# *Panorama de Arte Atual Brasileira, anos 70, São Paulo*

## *Gravura Artística em Exposição*

---

Maria Luisa Tavora  
Escola de Belas Artes /UFRJ

### **RESUMO**

No processo de ativação da gravura na cidade paulista, a mostra “Panorama de Arte Atual Brasileira”, organizada pelo MAM/SP merece destaque. Criada em 1969, constituiu marco de inauguração da nova sede do MAM paulista, objetivando a formação de seu novo acervo através das premiações e doações dos artistas participantes das edições. Em 1970, foi estabelecido o critério de rodízio entre os diferentes “gêneros” das artes visuais: Pintura, Desenho e Gravura, e Escultura e Objeto. São tratados os Panoramas de 1971, 1974, 1977 e 1980, específicos do Desenho e Gravura. Em nível nacional, cada Panorama criou sentidos para a rede de relações da gravura artística e seus autores. Destacou sua singularidade na construção de esquemas de percepção e visão de mundo.

### **Palavras-chave**

Gravura moderna. Campo artístico. Exposição. São Paulo

\*

### **ABSTRACT**

In the process of activating printmaking in the city of São Paulo, the exhibition “A Panorama of Brazilian Art Today”, organized by the São Paulo Museum of Modern Art (MAM/SP) deserves special mention. Created in 1969, this was the cornerstone of the new São Paulo MAM, aiming to form its new collection through awards and donations from artists participating in the exhibitions. In 1970, the rotation criterion was adopted among the different “genres” of the visual arts: Painting, Drawing and Printmaking, and Sculpture and Object. The 1971, 1974, 1977 and 1980 Panoramas are addressed, specifically on Drawing and Printmaking. At a national level, each Panorama created meanings for the network of relations of printmaking and its authors. It stressed its uniqueness in building perceptual frameworks and a worldview.

### **Key words**

Modern printmaking. Art field. Exhibition. São Paulo

A partir dos anos 50, a cidade de São Paulo foi palco da criação de ateliês de gravura, envolvidos na pesquisa de processos e materiais que estendessem as possibilidades de criação neste meio expressivo. Tais espaços justificam a intensa produção dos artistas gravadores.

Para além de lugar do ensino moderno da gravura artística, ensino com respectivas singularidades, São Paulo constituiu um território cultural que garantiu a visibilidade nacional dessa produção. Mostras individuais ou coletivas foram articuladas promovendo a legitimação e consagração da gravura artística, no vasto campo das artes visuais.

Pensar tal produção, nestes termos, implica o reconhecimento do papel desempenhado pela mostra “Panorama de Arte Atual Brasileira”, organizada em 1969, pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo.<sup>1</sup>

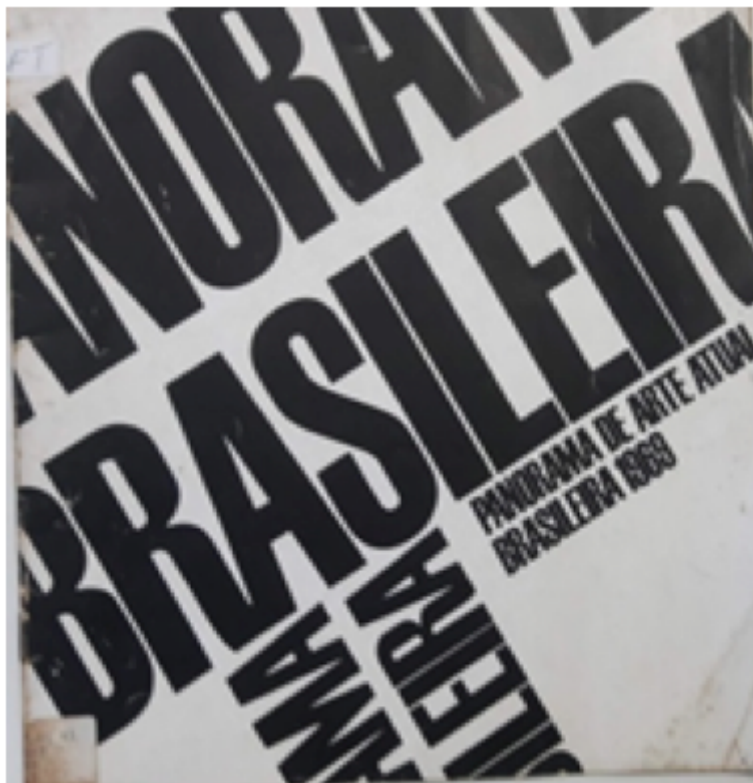


Fig. 1 – Catálogo Panorama da Arte Atual Brasileira, 1969.

Foi com o “Panorama de Arte Atual Brasileira” que o Museu de Arte Moderna de São Paulo inaugurou sua sede social no Ibirapuera, em abril de 1969. Tratava-se de empreendimento destinado a se repetir anualmente, investindo, portanto, o caráter de atividade do Museu, a qual iria, de certa maneira, balizar o programa geral de realizações.” (Almeida, 1971:sp)<sup>2</sup>

O Panorama nasceu de uma crise do Museu, derivada da dissolução e liquidação da Sociedade Civil Museu de Arte Moderna, decisão tomada na Assembleia de 23 de janeiro de 1963, embora mantivesse sua respectiva personalidade jurídica. Tal decisão

<sup>1</sup> - Inaugurada em 22 de abril, a mostra estendeu-se por seis meses, expondo 552 obras de 102 artistas, dos quais 21 gravadores. Os artistas estavam assim distribuídos: Pintura, 52; Desenho, 21; Gravura, 21; Escultura /objetos, 5; Tapeçaria, 3. Participaram, entre outros gravadores: Anna Bella Geiger, Anna Letycia, Dorothy Bastos, Edith Behring, Fayga Ostrower, Marcelo Grassmann, Hansen Bahia, Maria Bonomi, Miriam Chiaverini, Newton Cavalcanti, Odetto Guersoni, Paulo Menten, Yara Tupinambá.

<sup>2</sup> - Paulo Mendes de Almeida In: PANORAMA DE ARTE ATUAL BRASILEIRA .Catálogo, 1971,sp

provocou reação de um grupo de membros do MAM<sup>3</sup> que buscou, sobretudo, recompor um acervo próprio expressivo da arte brasileira, uma vez que seu acervo fora doado por Ciccillo Matarazzo, ao MAC (Museu de Arte Contemporânea da USP).<sup>4</sup>

No percurso de 50 anos, o evento mantém-se até os dias atuais, em 2019 em sua 36ª edição, tendo sofrido reestruturação em sua sistemática original e adequações aos tempos contemporâneos.<sup>5</sup>

Na segunda edição, em 1970, foi estabelecido o critério de rodízio entre os diferentes “gêneros” das artes visuais, face à dimensão do espaço expositivo para tão numerosa produção. Iniciou-se com a Pintura, seguido do Desenho e Gravura e, finalmente, da Escultura e Objeto.

Interessam-nos os Panoramas de 1971, 1974, 1977 e 1980, específicos do Desenho e Gravura, situados no recorte temporal da ativação da gravura artística no eixo Rio-São Paulo, período histórico de nossas pesquisas, análises e produção de sentido.

Em junho de 1971, o III Panorama desdobrou-se em 2 “panoramas” exibidos simultaneamente mas com premiação patrocinada pela Loteria Federal (no valor de 15 mil cruzeiros) dentro de cada setor, separadamente”.<sup>6</sup>

A sistemática da escolha dos expositores dava-se exclusivamente por convite da Comissão de Arte. Quanto aos critérios que balizavam as escolhas, Paulo Mendes comentou: [...]“essa orientação tem consistido em auscultar o pensamento da crítica nacional, na consulta a artigos, pronunciamentos e referências várias das personalidades mais representativas no trato das atividades artísticas no País, sem que isso elida ou impeça a nossa própria contribuição pessoal, como responsáveis diretos pelo empreendimento.”<sup>7</sup>

Nesta edição, foi vencedora na gravura, Maria Bonomi.<sup>8</sup> Uma exposição de Lívio Abramo, em 1953, no MAM paulista, despertara sua curiosidade pela xilogravura, tendo buscado sua orientação e, posteriormente em Nova Iorque, a do mestre chinês Seong Moy para o uso da cor na xilogravura.<sup>9</sup>

As xilogravuras premiadas no Panorama de 1971, datadas de 1970, intitulam-se: Balada do Terror, Codex, Plena Engrenagem, U Sheridan e Salvo Conduto. Preferindo a ação na madeira, a artista se justifica “A xilografia me traduz melhor, pois me limita ao

<sup>3</sup> - Um grupo expressivo de inconformados com tal decisão reuniu-se no mesmo ano, em 16 de maio, decidindo em nova Assembleia pela criação de condições para o reerguimento do Museu. Uma Comissão de Reestruturação foi eleita para entre outras coisas, recompor um novo acervo próprio da arte brasileira, propiciando ao Museu participação no circuito da produção artística contemporânea.

<sup>4</sup>- Com o apoio do então Prefeito de São Paulo, Faria Lima, conseguiu-se uma nova sede para o MAM, o prédio localizado no Parque Ibirapuera, adaptado por Lina Bo Bardi, espaço integrado aos jardins do paisagista Roberto Burle Marx.

<sup>5</sup> - Em 1984, o 15º Panorama, passou a chamar o evento que envolvia a gravura e o desenho, de “Arte sobre Papel” e, em 1990, “Papel (desenho, gravura, papel como meio, livro de artista)”; em 1985, o setor escultura passou a ser denominado, “Formas Tridimensionais”; em 1995, foi suprimido o termo “Atual” passando a “Panorama da Arte Brasileira”, tendo sido uma exposição itinerante (montagem também no MAM/Rio); em 1999, a Comissão de Arte foi extinta, tendo sido substituída somente em 2002, pelo Conselho Consultivo de Artes Plásticas; em 2001, passa a ter curadores, exposição sem o título e sem premiação oficial mas apenas aquisição de obras pelo MAM/SP e periodicidade bienal; em 2003, não houve obras doadas ou adquiridas pelo Museu, a mostra foi itinerante (Rio, Recife, Vigo na Espanha, Bogotá), manteve-se a curadoria com o Conselho Consultivo de Artes Plásticas; em 2005, volta a ter obras adquiridas / doadas; de 2005 a 2019, recebeu títulos livres dados pelas respectivas curadorias.

<sup>6</sup>- Participaram 111 expositores, dos quais 47 com Gravura, totalizando 478 obras expostas.

<sup>7</sup> - PANORAMA DE ARTE ATUAL BRASILEIRA. Desenho e Gravura 1974. *Catálogo*. Museu de Arte Moderna de São Paulo / São Paulo, sp.

<sup>8</sup>- Comissão de Premiação: Antonio Bento, Carlos Cavalcanti, Clarival do Prado Valladares, Ferreira Gullar, Flávio de Aquino, Frederico Moraes, Geraldo Ferraz, José Roberto Teixeira Leite e Paulo Mendes de Almeida-

<sup>9</sup> - Formação em São Paulo, além de Lívio Abramo, com Yolanda Mohalyi, Karl Plattner; na Itália com Emílio Vedova; em Nova Iorque, além de Seong Moy, também com Tânia Gorman, Weinberger, Hans Müller, Meyer Shapiro e, no Rio de Janeiro, com Johnny Friedlaender .

essencial.” [...] Sendo “subtração”, pensa-se no que fica e não no que se põe.” Além de suporte de seus impulsos gráficos, a madeira-matriz constitui parte fundamental da estruturação da composição, liberada de enquadramentos tradicionais, um módulo em justaposições e sobreposições, agente das tensões do trabalho numa espacialidade monumental, que se impõe pela cor. A artista faz tiragens baixas (6 a 10 cópias) para preservar a qualidade da madeira, suas fibras e sulcos.

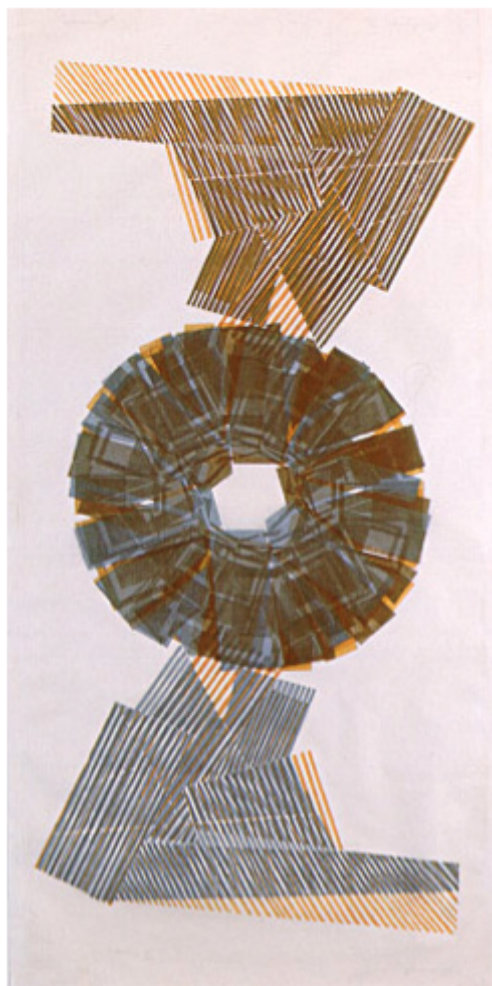


Fig.2 - Plena engrenagem, 1970, 100x235cm, Maria Bonomi. Acervo MAM/ São Paulo

Os títulos não são o nome da gravura mas “definem o nome de uma ideia.” São derivados de sugestões da realidade como anotações e registros, viagens, filmes, notícias de jornal, histórias e conversas, objetos vistos e fatos vividos compondo o arcabouço formal. Sobre sua prática artística, Bonomi declarou: “De todas as gravuras que fiz até hoje, nenhuma foi imaginada: eu sempre a vi.”<sup>10</sup> Uma prática libertária da gravura abre-se para uma infinidade de possibilidades que estruturam sua poética, até os dias de hoje.

No Panorama de outubro de 1974<sup>11</sup>, foram oferecidos quatro prêmios, dois para cada setor: dois Prêmios MAM “de consagração”, para Gravura e para Desenho, e dois Prêmios “Estímulo” da Caixa Econômica Federal destinados aos artistas mais jovens”.<sup>12</sup>

<sup>10</sup>- BONOMI, Maria. In ARAUJO, Olívio Tavares. Fala Maria Bonomi, *Vida das Artes*, São Paulo, 4/09/1975.

<sup>11</sup> - Inaugurada em 17 de outubro, a exposição estendeu-se por três meses. Do conjunto de 114 artistas, 55 eram gravadores, (no total, 423 trabalhos).

<sup>12</sup> - Com valores de 5 mil e 15 mil cruzeiros, respectivamente.

O prêmio “estímulo” fora criado em 1972, provocado por uma carta de Franz Weissmann à Diretoria do MAM, na qual declinava do convite recebido para participar do Panorama daquele ano, voltado para a Escultura e Objeto. Artista com reconhecida trajetória de expressão nacional, considerava antiético concorrer a um prêmio único o que dificultaria a premiação dos jovens. A diretoria considerando pertinente sua argumentação e, sensível à sua posição, criou o Prêmio Estímulo, destinado a artistas em início de carreira.

Nesta nova estrutura, em 1974, foram premiados Anna Letycia e Danúbio Gonçalves.<sup>13</sup> Chamou atenção o aspecto didático desta edição. Foram organizados painéis fotográficos que documentaram e classificaram a montagem da exposição segundo os vários processos de gravura, tais como xilografia, metal, litografia, serigrafia e técnicas mistas. Os painéis ainda contemplavam informações sobre as Convenções Internacionais que regem a produção e comercialização de gravuras.

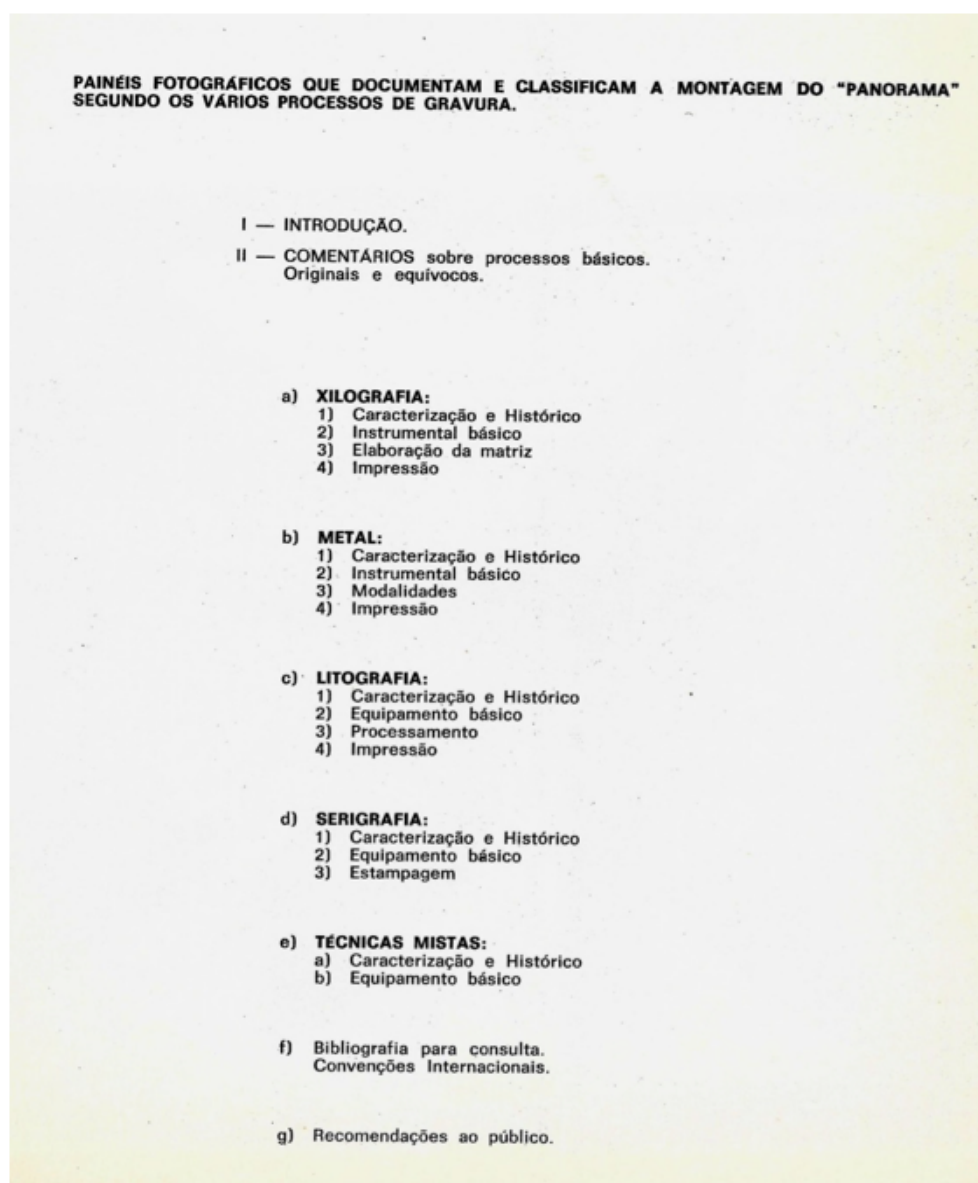


Fig. 3 – Painéis Didáticos- Listagem apresentada no Catálogo do Panorama de 1974.

<sup>13</sup> - Fizeram parte da Comissão de Premiação, personalidades como Carlos Scarinci, Jacob Klintowitz, José Simeão Leal, Paulo Mendes de Almeida, Quirino Campofiorito.

Anna Letycia, tinha consagrada uma carreira, bem sucedida,<sup>14</sup> iniciada nos anos 1950, que merecera o reconhecimento com a premiação de Viagem ao País (1958) e ao Exterior (1962) do Salão Nacional de Arte Moderna, no Rio de Janeiro.

Anna Letycia apresentou 4 gravuras, 3 das quais trabalhadas em ponta-seca,(2 em relevo) técnica que preferia e que permaneceu constante em sua prática artística. Todas intituladas Gravura. Sua obra desenvolveu-se em torno de um repertório visual que incluiu frutas, plantas, formigas, cavalos, caracóis e tatus.



Fig. 4- Gravura,1974, Anna Letycia, aquatinta em cores, 75x55cm. Acervo MAM/SP.

Nestas gravuras, transformou os caracóis em espirais, caracóis recortados, módulos que repetia em suas obras, submetidos a uma estruturação geométrica. Explorou o relevo, o suporte papel participando da imagem interessada em potencializar a matéria numa espacialidade imaginativa. Formas depuradas, pois não lhe interessava o propósito realista da representação. Integram-se vivências interiores constituídas de reminiscências da infância, das brincadeiras infantis com os caramujos no quintal da casa em Teresópolis e a percepção exterior. O percebido torna-se um tecido contínuo entre o ser e o mundo.

A escolha do gaúcho Danúbio Gonçalves (1925-2019), falecido em abril deste ano de 2019, para o “Prêmio Estímulo” destinado aos mais jovens, causou-nos um certo estranhamento, se considerada a natureza e o objetivo desta premiação. Danúbio como gravador já desfrutava de visibilidade nacional.<sup>15</sup> Fora premiado em 1953 com Viagem ao país no Salão de Arte Moderna. No início dos anos 70, em plena maturidade, ensinava Gravura na UFRGS.

<sup>14</sup> - Desenho e pintura foram um caminho inicial, enquanto Anna Letycia frequentou a Associação Brasileira de Desenho, no Rio de Janeiro. Seu aprendizado em gravura em metal deu-se sob a orientação de Iberê Camargo, em 1954 e na xilogravura, com Goeldi, na Escolinha de Arte do Brasil. Frequentou o curso inaugural de Friedlaender no MAM-Rio em 1959, tendo sido assistente de Edith Behring neste núcleo de ensino em dois períodos (1961/63 e 1965/69).

<sup>15</sup> - Aprendera gravura em metal com Carlos Oswald e xilogravura com Axl Leskoschek, nos anos 40, no Rio de Janeiro e, em Porto Alegre, litografia com Marcelo Grassmann. Na década de 1950, desenvolveu atividades junto aos Clubes de Gravura de Bagé (do qual participou da fundação) e ao de Porto Alegre. Foi responsável pelo ensino de gravura no Ateliê Livre da Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

Nas litografias premiadas, as imagens distanciam-se do tratamento dado as suas xilogravuras dos anos 50, comprometidas com o esteticismo político da criação engajada dos Clubes de Gravura de Bagé e de Porto Alegre. Definidas pelo próprio artista como “trabalhos dos gravadores brasileiros que estão voltados para seus problemas e sua luta.”<sup>16</sup>

Imagens também vinculadas à realidade, porém uma figuração não mais representativa, mas alusiva ao cotidiano e à realidade urbana. Datadas de 1973, com títulos como *Demoiselle*, *Habitat*, *Hora Sete na Capital do Mundo* e *Monalisa*, captam o poder mágico das coisas contemporâneas, situando-se em outra possibilidade poética que se opera também, em outro meio de expressão, a litografia.



Fig. 5 - *Hora Sete na Capital do Mundo*, 1973, Danúbio Gonçalves litografia, 65x48cm. Acervo MAM/SP.

Tratava-se, na verdade, de estímulo à nova fase de produção. Fantasia e realidade se conjugam numa espacialidade simbólica e fragmentária. Arranjos de cenas se assentam em superfícies vaporosas, manchas fluem ordenando a possibilidade do caótico. Danúbio manifesta-se mais crítico, com um repertório de imagens creditadas à cultura de massa, um mosaico da mitologia do cotidiano, destilando para o observador compromissos morais e políticos em sua experiência de mundo.

No IX Panorama de 1977, com exposição<sup>17</sup> inaugurada em meados de dezembro, foram premiados o artista baiano Emanuel Araújo (1940), com o prêmio maior e a mineira Ivone Couto (1949), com o de estímulo.<sup>18</sup>

Na apresentação do catálogo, Arthur Otávio Pacheco, um dos membros da Comissão de Arte, fez um destaque ao campo da gravura:

“De todas as técnicas, a gravura, a única que foi dito com muita propriedade, não acrescenta matéria ao suporte, mas dele a retira, não

<sup>16</sup> - Danúbio em depoimento. In: Mayra, 2007: 96.

<sup>17</sup> Apresentou 412 obras. Dos 140 expositores, 62 eram artistas gravadores, cada um apresentando, em média, três trabalhos.

<sup>18</sup> Comissão de Premiação: Clarival do Prado Valladares, Eduardo Rocha Virmont, Ferreira Gullar, Márcio Sampaio, Wolfgang Pfeiffer.

enseja preocupações, porquanto é sabido vir mantendo sua qualidade e revelando valores em virtude, possivelmente da multiplicação dos cursos, o que se pode atribuir ao dinamismo que tem caracterizado os gravadores já consagrados.” (Pacheco, 1977:sp)

Tinha razão Pacheco, pois a criação de núcleos de ensino, ateliês livres ou institucionais<sup>19</sup>, constituiu uma instância fundante e responsável pela vitalidade que a gravura apresentou, nos anos 1950-70. Os núcleos de formação foram e são considerados significativas instâncias do campo artístico da gravura. Com os demais agentes de celebração e legitimação, como o Panorama, atuam numa verdadeira “alquimia simbólica” (BOURDIEU, 1996:196). Integram valor e sentido às obras produzidas pelo artista. Fundamentam práticas artísticas de mestres e discípulos no tratamento moderno das poéticas gravadas, estimulando atitudes crítica e reflexiva.

Emanoel Araújo, reconhecido nacionalmente por suas gravuras,<sup>20</sup> por exemplo, fora aluno livre de Henrique Oswald, na Escola de Belas Artes da Bahia, em 1960. Pretendia ser arquiteto. Buscou a xilogravura. O entalhe na madeira há muito conquistara sua imaginação. Reminiscência da infância. Trabalhara na decoração de móveis desde os nove anos.

As obras premiadas, em xilogravura em cores<sup>21</sup>, intitulavam-se Suite Afriquia I, II,III, todas de 1977. A cor constitui o solo sobre o qual as variadas formas e fibras da madeira criam uma espacialidade monumental, se pensada a tradição da gravura. Dimensões bem resolvidas para quem produzira cartazes e cenários para teatro.



Fig. 6 – Suite Afriquia II, 1977, Emanoel Araújo, xilogravura, 76cmx120cm. Acervo MAM/SP.

<sup>19</sup> - Escola Livre de Artes Plásticas no MASP(1951); o núcleo da gravura, da Escola de Artesanato, criado em 1952; o Estúdio Gravura, criado por Lívio Abramo, em 1960, em parceria com sua ex-aluna Maria Bonomi; a Oficina de Gravura na Escola de Artes da Fundação Armando Alvares Penteado/FAAP, em 1961; ateliês do Liceu de Artes e Ofícios, da Escola de Belas Artes e da Escola de Comunicação e Artes da USP.

<sup>20</sup> Entre outras, na II Exposição da Jovem Gravura Nacional (1966-MAC/SP), no Resumo JB (1970-Rio de Janeiro), Melhor Gravador do Ano (ABCA-São Paulo) e a importante Medalha de Ouro na III Bienal de Gráfica de Florença, 1972, Itália.

<sup>21</sup> - Dezenove artistas apresentaram obras em xilogravura.



Emanoel rompe com o preconceito de que a gravura é uma arte intimista. A seu ver, a xilogravura atravessada pela ação de Goeldi, era trágica demais. Daí imprimir a seus trabalhos uma estabilidade pela via construtiva, aliada a uma potência tonal. O espaço nasce colorido e se impõe. Para seus críticos, uma gravura decorativa, o que ele refuta, ao afirmar: “Minha cor extrapola [...] o formalismo dos artistas mais concretistas ou mais construtivistas. Existe o lado que é uma coisa minha, negra, que veio surgindo. Não é algo com intenção [...] O negro em mim foi surgindo ao lado dessa coisa barroca. Penso ser algo inteiramente subjetivo.[...] Considero-me muito mais baiano do que africano. No meu trabalho há uma ligação com a Bahia barroca”. (FERREIRA&TAVORA:1997:116)

Quanto à artista mineira Ivone Couto (1949), recebeu reconhecimento e estímulo em um universo de 62 gravadores. A partir da década de 1970, participou intensamente de eventos locais, exposições individuais ou coletivas, e esteve presente no 5º Salão Paulista de Arte Contemporânea em São Paulo/SP (1974), e no Salão Nacional de Arte Moderna, no Rio de Janeiro, 1975.



Fig. 7- Sem título, I, 1977, Ivone Couto, litografia, 95x75cm. Acervo MAM/SP

Suas obras premiadas são litografias<sup>22</sup>, técnica que aprendera com João Quaglia, e se aprofundara em curso de especialização com Lotus Lobo. Coursou na Escola de Belas Artes

<sup>22</sup> - Oito artistas apresentaram obras em litografia.

as artes gráficas e gravura em metal, na Fundação Guignard, em Belo Horizonte. A produção premiada, sem título, data do mesmo ano de realização do Panorama, 1977.<sup>23</sup>

Em 1980, no XII Panorama, exposição inaugurada em novembro Gilvan Samico (1928-2013), artista pernambucano e Marlene Hori (1939), paulista, foram os escolhidos. A mostra, com 325 obras e 108 artistas, apresentou mudanças em sua organização: além de convite a artistas de “excelência comprovada”, foram abertas inscrições livres à participação, submetidas ao júri de seleção. Luiz Seráfico, membro presidente da diretoria do MAM, justificou a nova sistemática: “[...] havia artistas convidados que não compareciam por razões próprias. Pareceu à Comissão de Arte<sup>24</sup> ser esta medida democrática” para afastar as críticas ao evento que apontavam tanto ausências de consagrados quanto a necessária admissão dos talentos jovens menos conhecidos. (SERÁPHICO,1980:sp)<sup>25</sup>

Samico apresentou três xilogravuras, meio de expressão de toda uma vida. Desde 1952 estava envolvido com a gravura, embora autodidata em pintura, nos inícios da carreira.<sup>26</sup> Em gravura, fora aluno nos anos 50, de Lívio Abramo e de Goeldi, um privilégio.<sup>27</sup> Dez anos depois, em 1968 obteve o cobiçado Prêmio Viagem ao Exterior, no Salão Nacional de Arte Moderna. No início dos anos 1970, envolveu-se com o Movimento Armorial liderado por Ariano Suassuna, aproximando-se do romancista popular nordestino, caracterizando sua refinada xilogravura, exemplos presentes nesse Panorama: O Encontro (1978), O Guardião (1979) e O outro Lado do Rio (1980). Como afirmou Roberto Pontual, “O Nordeste permanece ali, armando sua linguagem.” (PONTUAL, 2013:404).

Simplicidade, fantasia e controle habitam as xilogravuras de Samico. As imagens emergem rigidamente compartimentadas, uma organização geométrica correspondendo à simultaneidade de múltiplos planos temporais.

Com incisão extremamente cerebral confere à gravura clareza e uma tranquilidade do espaço mitomágico. A simetria é semântica como de resto em suas gravuras. Ali estão homens e mulheres, personagens legendários, figuras prenes de sentidos e simbologias, distribuídas numa espacialidade onde a simetria sugere um tempo longo, permanente e imemorial. A gravura de Samico contém uma exigência ética que se liga às tradições populares, as mais coletivas, as mais anônimas. Leva em conta o desconhecido formidável. Uma presença atualizada do artista em contraponto às silenciosas memórias arcaicas.

Neste Panorama de 1980, apenas três artistas participaram com trabalhos em xilogravura, contando com Samico. Por outro lado, pontificaram obras nas mais diversas técnicas do metal, criações de 20 artistas, na quais se incluíam os trabalhos de Marlene Hori (1939), “prêmio estímulo”.

---

<sup>23</sup> - Com relação as suas gravuras premiadas, no acervo do MAM/SP, apenas uma delas tem a imagem disponibilizada.

<sup>24</sup> - Danilo Di Prete, Diná Lopes Coelho, Fábio Magalhães, Fernando Cerqueira Lima, José Nemirovsky, Luiz Antonio Seráfico e Norberto Nicola.

<sup>25</sup> - In: PANORAMA DE ARTE ATUAL BRASILEIRA 1980 CATÁLOGO, SP

<sup>26</sup> - Neste ano fundara com outros artistas o Ateliê Coletivo da Sociedade de Arte Moderna de Recife, projeto de Abelardo da Hora.

<sup>27</sup> - Aprendeu xilogravura em São Paulo em 1957, com Lívio Abramo, na Escola de Artesanato do MAM/SP. No ano posterior, no Rio de Janeiro, foi aluno de Oswaldo Goeldi no Curso livre de Especialização em Gravura, na Escola Nacional de Belas Artes.



Fig. 8- O encontro, 1978, Gilvan Samico, xilogravura, 73,5x50cm. Acervo MAM/SP.

Foi através de uma bolsa de estudos oferecida pela Escolinha de Arte do Brasil que a artista paulista se aprofundou na gravura em metal, sob a orientação da artista Marília Rodrigues, no Rio de Janeiro.

Marlene participou dos Panoramas de 1974 e 1977. Recebera o 1º Prêmio de Gravura no Salão Carioca de Arte de 1977. Esteve no 1º Salão Nacional de Artes Plásticas e, em sua 3ª edição (1978). Participou ainda, em 1978, da 1ª Mostra Anual de Gravura da Cidade de Curitiba. Suas obras premiadas não possuem títulos e conjugam as técnicas da água-forte e água-tinta. Das imagens das obras premiadas, apenas uma está identificada como acervo do MAM/SP, porém a reprodução da imagem não está autorizada.

Com a mostra “Panorama de Arte Atual Brasileira”, foi possível, como pensado em sua criação em 1969, a formação de um novo acervo constituído a partir das premiações e doações dos artistas participantes de suas edições. No conjunto dos Panoramas, contabiliza-se a entrada de 255 obras para o acervo do MAM/SP.



Fig. 9 – Catálogos Panoramas da Arte Atual Brasileira de 1971,1974,1978 e 1980.Acervo Maria Luisa Tavora.

Os quatro panoramas são entendidos como agentes de celebração e legitimação das práticas e representações artísticas (Bourdieu), no período da ativação da gravura, anos 1960-70. Sua sistemática, de convidar os artistas situados em todas as regiões do Brasil, “a partir de leitura e do contato com críticos locais”, produzia também o espelhamento de outra importante instância do campo artístico, a crítica de arte, não deixando “escapar talentos em formação, merecedores de apreciação crítica.” Estes fundamentaram as práticas artísticas de mestres e discípulos voltadas para a internalização de uma atitude crítica e reflexiva no tratamento moderno das poéticas gravadas.

Em 2008, no período de 31 de janeiro a 23 de março, foi realizada a mostra “Panorama dos Panoramas”, que apresentou uma centena de obras que integravam o

acervo do MAM/SP. Neste conjunto, o gravador Marcelo Grassmann (1925-2013) e o escultor Hisao Ohara (1932-1989) foram premiados. Com curadoria de Ricardo Resende, foi um evento histórico e singular, oportunidade de identificar, analisar e discutir os diferentes critérios, instrumentos analíticos e questões artísticas próprias a cada momento de sua realização. A expansão e a transformação de vários aspectos da linguagem da gravura tiveram um diálogo de reconhecimento.

Cada Panorama representou possibilidades de criação de sentido para a rede de relações nas quais se inseriu a obra e seus autores, de modo a destacar o lugar da singularidade da gravura na construção de esquemas de percepção e visão de mundo.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Radha. Renina Katz - ares e lugares. *Catálogo*, São Paulo: Pinacoteca do Estado, 1996.

A GRAVURA brasileira na Coleção Mônica e George Kornis. *Catálogo*. Caixa Cultural. 2007/2008.

BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios do repouso*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo Perspectiva, 1982.

\_\_\_\_\_. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FERREIRA, Heloisa Pires & TAVOR, Maria Luisa Luz. (Org.) *Gravura brasileira hoje: depoimentos*. Vol.III, Rio de Janeiro: Oficina de Gravura do SESC Tijuca, 1997.

\_\_\_\_\_. *Gravura brasileira hoje: depoimentos*. Vol.I - SESC Regional do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: SESC/ARRJ, 1995.

GRAVURA Arte Brasileira do Século XX. Textos de Leon Kossovitch, Mayra Laudanna e Ricardo Resende: apresentação Ricardo Ribenboim. São Paulo: Cosac & Naify. Itaú Cultural, 2000.

GRAVURA em campo expandido. *Catálogo*, Pinacoteca de São Paulo, 2012.

LAUDANNA, Mayra. *Maria Bonomi: da gravura à arte pública*/Mayra Laudanna (org.) São Paulo: EDUSP, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

PANORAMA DE ARTE ATUAL BRASILEIRA. Desenho e Gravura 1971. *Catálogo*. Museu de Arte Moderna de São Paulo / São Paulo.

PANORAMA DE ARTE ATUAL BRASILEIRA. Desenho e Gravura 1974. *Catálogo*. Museu de Arte Moderna de São Paulo / São Paulo.

PANORAMA DE ARTE ATUAL BRASILEIRA. Desenho e Gravura 1977. *Catálogo*. Museu de Arte Moderna de São Paulo / São Paulo.

PANORAMA DE ARTE ATUAL BRASILEIRA. Desenho e Gravura 1980. *Catálogo*. Museu de Arte Moderna de São Paulo/ São Paulo.

ROBERTO PONTUAL: obra crítica. Organização Izabela Pucu, Jacqueline Medeiros. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.

SAMICO: 40 anos. Texto de Frederico de Moraes e ariano Suassuna- Rio de Janeiro: CCBB, 1997. *Catálogo*.